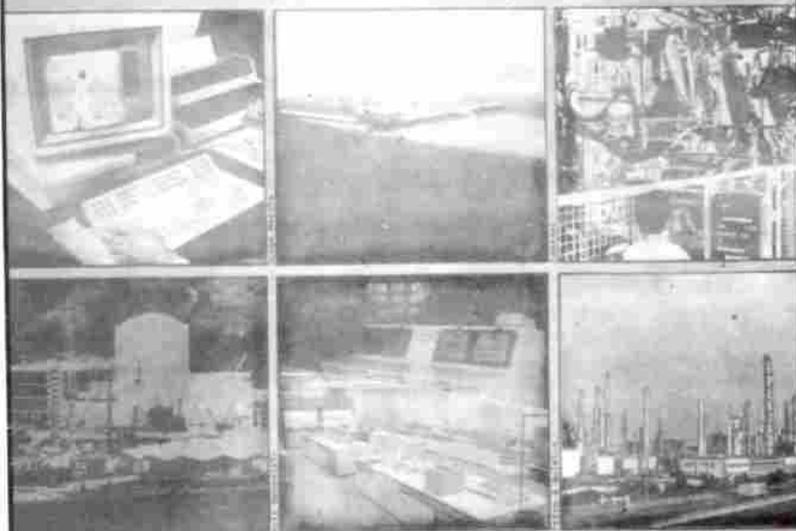


trabalho & saúde

IX SEMSAT-88
SEMANA DE SAÚDE DO TRABALHADOR

DOENÇAS E NOVAS TECNOLOGIAS



DIAS 12 A 14 DE OUTUBRO

LOCAL: SINDICATO DOS MARCENEIROS DE S. PAULO
(R. DAS CARMELITAS, 149-S. PAULO)

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: (011) 35-1250

IX SEMSAT

O Diesat promove a IX Semana de Saúde do Trabalhador – SEMSAT – dias 12, 13 e 14 de outubro, na sede do Sindicato dos Marceneiros, com o tema “Doenças e novas Tecnologias”. Todos os sindicatos estão convidados a debater os problemas trazidos pela utilização de novas tecnologias nas diversas áreas de atividades. A programação inclui a discussão da influência da tecnologia no meio rural, com o uso de agrotóxicos e implementos agrícolas e no setor de serviços, com a informatização de escritórios e bancos. A robotização e o uso de máquinas de controle numérico, as fontes radiativas e os novos materiais entram na discussão sobre as novas tecnologias na Indústria. O Sindicato dos Marceneiros fica na Rua das Carmelitas, nº 149, São Paulo. Informações no Diesat, fone 35.1250.

Sindicatos lutam contra leucopenia

Reunidos pelo Diesat em São Paulo,
21 sindicatos de todo o Brasil definem
diretrizes da luta contra o mal.

N E S T A E D I Ç Ã O

Indústria Bélica	Pág. 3
Leucopenia	Pág. 6
Fotocopiadoras	Pág. 10
Fibras Minerais	Pág. 11
Suicídio	Pág. 12

AO LEITOR

Trabalho & Saúde, em seu quarto ano de publicação, recebe a partir deste número alterações gráficas e editoriais, para melhor adequação às necessidades de seus leitores. O boletim, em formato revista, trará maior número de artigos de caráter científico, necessários à atualização de médicos, engenheiros, dirigentes sindicais e demais envolvidos na luta por melhores ambientes de trabalho e mais saúde para o trabalhador.

Trabalho & Saúde manterá a cobertura das atividades sindicais na área de saúde e Previdência. Para conhecer seus leitores e sua opinião sobre possíveis mudanças e pautas de matérias, T & S espera sua carta com sugestões e eventuais reclamações. Escreva para Trabalho & Saúde. Artigos inéditos e de revisão serão bem-vindos e publicados após leitura pelo corpo de assessores do Diesat.

TRABALHO & SAÚDE é órgão informativo do Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho - Diesat.
COMISSÃO EDITORIAL: Francisco Antonio de Castro Lacaz, Nilton B. Branco Freitas e Antônio José de Arruda Rebouças.
DIRETOR RESPONSÁVEL: Remigio Todeschini.
CONSELHO EDITORIAL: Francisco Antonio de Castro Lacaz, Laerte Idal Szelwar e Herval Pina Ribeiro.
EDITOR: Graciliano Toni.
DIAGRAMAÇÃO: Jânio Pinheiro.
COMPOSIÇÃO E PRODUÇÃO: Forja Composição Gráfica, Planejamento, Assessoria e Editora Ltda. - ME. Fone: 570.7444.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Av. Nove de Julho, 584, 10º andar, São Paulo, SP, CEP 01312, fone (011) 35.1250.
FOTOLITO: Gráfica e Editora F. G. Fone 457.3710

COLABORARAM NESTE NÚMERO: Diana Antonaz, Leny Sato, Nilton B. B. Freitas, Herval Pina Ribeiro, Francisco Antonio de Castro Lacaz e Remigio Todeschini.
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 2.000 EXEMPLARES

DIRETORIA DO DIESAT

Comissão Executiva: Remigio Todeschini Bernardino Testa, Gilberto Salviano da Silva, José Ribamar Serra Almeida, Luiz Fernando Maia, Uriel Villas Boas, Anito Buzana e Luiz Felipe da Costa Nogueira.

Conselho Fiscal: Sérgio Soares, Josino Bernardes, Alex Oliveira Rocha da Silva, Antonio Nazareno dos Santos, Jorge Roberto dos Santos e Alberto Aquino.

CORRESPONDENTES

Anamaria Tambelini (RJ); Flávio Valente (SC); Carlos Valadares, José Alberto Chatinet, Anibal Muniz Silvany Neto, Fernando Martins de Carvalho (BA); Wellington Coimbra (ES); Nilza Almeida (PR); Annie Thébaud (França); Daniel M. Berman (EUA).

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE MATÉRIAS DESDE QUE CITADA A FONTE.

Diesat/Salvador promove seminário

O Diesat promoveu dias 3 e 4 de junho o seminário "Capacitação Sindical na Área de Saúde", com apoio da Fundacentro, Inamps, Secretaria do Trabalho e Secretaria da Saúde da Bahia. No primeiro dia, os expositores discutiram a fiscalização dos ambientes de trabalho, sob o tema "Quem deve fiscalizar os ambientes de Trabalho?". Ainda no dia 3, os temas "Programas de Saúde dos Trabalhadores ou para os Trabalhadores?" e "Educação Institucional X Capacitação Sindical na Área de Saúde" foram alvo de debate.

"Acidentes e Doenças do Trabalho: Responsabilidade patronal, sindical ou do Estado?" e "Negociação Coletiva: Conflitos e Acordos", temas apresentados no dia 4, fecharam o encontro. Durante o seminário houve a exibição dos vídeos "O pó nosso de cada dia", produção do Diesat sobre a silicose, e "A ponta do Iceberg", documentário sobre a contaminação de trabalhadores por mercúrio na Eletro Cloro, multinacional da área química.

O Diesat/Salvador tem hoje 6 sindicatos filiados e espera aumentar em breve o número de adesões. Criada em fevereiro deste ano, a regional do Diesat em Salvador opera na sede do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos da Bahia, à rua Inácio Tosta nº 15. Seu telefone é 243.1622.

NOTAS

ORÇAMENTOS

O Orçamento Geral da União sugerido para 1989 prevê cerca de 237 bilhões de cruzados para o Ministério da Saúde, verba inferior à destinada ao Ministério do Exército, 306 bilhões, da Aeronáutica, 251 bilhões e da Marinha, 247 bilhões de cruzados. Pelo projeto, o Ministério do Trabalho, com pouco mais de 36 bilhões, e o da Previdência, 23 bilhões de cruzados, estão entre as menores dotações. O Orçamento depende agora de aprovação do Congresso Nacional.

INAMPS

A Delegacia Fazendária da Polícia Federal de São Paulo prometeu para o final de agosto a conclusão do inquérito aberto para apurar responsabilidades de Aloísio Salles, ex-presidente do Inamps, em fraudes contra o órgão. Salles, presidente do Inamps durante o governo Figueiredo, recebe acusações de estelionato, concussão e formação de quadrilhas, crimes responsáveis por desfalques da ordem de 28 bilhões de cruzeiros contra o Inamps em 1985, apenas no Estado de São Paulo.

INAMPS II

Segundo Secretários da Saúde de diversos estados brasileiros, o Inamps pretende inviabilizar a implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds). Reunidos dia 8 de agosto em São Paulo, os secretários acusaram o Inamps de tentar manter o processo por eles considerado centralizado, distorcido e autoritário, vigente até a criação do Suds.

PREVIDÊNCIA

Raphael de Almeida Magalhães considerou suportável o custo das alterações previdenciárias previstas na nova Constituição e perdeu o Ministério da Previdência Social. Para o presidente José Sarney, a Previdência não suporta o peso das "conquististas sociais" já aprovadas em segundo turno. A Previdência, afinal, quebra ou não quebra?

AGROTÓXICOS

Os agrotóxicos causam em média 72 mortes por ano no Paraná, segundo informações da Secretaria de Agricultura e da Secretaria da Saúde do estado. Durante encontro organizado pelas duas entidades no final de junho, médicos e técnicos denunciaram o armazenamento incorreto e manuseio inadequado dos agrotóxicos como causadores do grande número de mortes e contaminações.

SINDICALISTA AMERICANO

Albert Gribbell Velasco, presidente da seção de Los Angeles (EUA) do Conselho Sindical para o Desenvolvimento do Trabalhador Latino-Americano e vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Comunicação da Costa Leste dos EUA, visitou diversos sindicatos brasileiros no início de agosto. Gribbell, durante o debate no Sindicato dos Marceneiros de São Paulo, deixou de responder a questões consideradas importantes feitas por representantes sindicais. Apesar do tema de sua palestra ser a saúde e segurança do trabalho nos Estados Unidos, o sindicalista norte-americano desconhecia as lutas sindicais contra doenças responsáveis por grande número de trabalhadores afetados. Ao final da sessão, Gribbell distribuiu chavirinhos, baralhos e estojinhos de costura aos presentes, no melhor estilo de "colonizador bonzinho".

Trabalhadores debatem a indústria bélica

EM seu primeiro número (março de 1988), a revista Apoio Sindical, publicada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, debate a produção de armas na região e a responsabilidade dos trabalhadores frente aos danos provocados por armamentos. Em suas 28 páginas, a revista discute desde os efeitos de uma guerra nuclear até o custo social de investimentos na indústria bélica. O texto abaixo utiliza informações retiradas de Apoio Sindical.

Os dados a respeito da exportação brasileira de armamentos conflitam. Conforme a fonte consultada, o país vende no exterior entre 400 milhões e 3 bilhões de dólares. O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos calcula em 455 milhões de dólares o total das exportações de nossa indústria bélica em 1985, com diminuição nos anos posteriores. Ainda segundo o Sindicato, Avibrás, Engesa e

Embraer produzem 94% das armas exportadas.

Com a diminuição de conflitos nas diversas partes da Terra, a indústria bélica sofre fortes quedas em suas encomendas. Caso a guerra Irã-Iraque cesse, por exemplo, o Brasil perderá importante mercado para blindados leves e médios e outros armamentos com tecnologia de média sofisticação. O Sindicato dos Metalúrgicos de São José alerta os trabalhadores para a necessidade de exigir a diversificação dos produtos fabricados por indústrias bélicas, condição fundamental para diminuir as ameaças de desemprego súbito.

Apesar dos gastos militares de todos os países somarem quase um trilhão de dólares, os países desenvolvidos procuram, pressionados por sindicatos e centrais sindicais, diversificar a produção de suas indústrias bélicas para torná-las menos sujeitas a instabilidades internacionais. Com o processo de diversificação,

chamado reconversão, as indústrias dirigem ao setor civil as alterações tecnológicas obtidas através de altos investimentos na indústria de armamentos.

Além do desemprego sempre iminente, a possibilidade da região de São José dos Campos tornar-se alvo preferencial em caso de guerra também preocupa os trabalhadores. Com a grande concentração de indústrias de armas, São José corre o risco de ser uma das primeiras atacadas em caso do Brasil entrar em guerra. No caso de conflito nuclear em larga escala, a situação se agrava, com a destruição de quase todo o planeta (ver matéria na próxima página).

Muitas vezes, sem saber, o operário fabrica artefatos responsáveis pela morte de centenas ou milhares de pessoas. Além deste aspecto, outro ponto em relação à indústria bélica é seu custo para a sociedade. Conforme estimativas da diretoria do Sindicato, o preço de uma fragata (barco usado para guerra) equivale ao de 50 mil casas populares. Investimentos da ordem de um bilhão de dólares na área militar geram apenas 75.710 empregos, contra 138.939 colocações caso se invista em Saúde, e 187.299 empregos no setor de Educação, segundo a Agência de Estatística do Trabalho, norte-americana.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos coloca como grande contradição enfrentada pelos metalúrgicos de sua base a produção de armamentos, artefatos capazes de provocar morte e destruição, quando os mesmos operários podem fabricar produtos destinados a manter o bem-estar do homem. Na região de São José dos Campos há 22.500 trabalhadores em indústrias bélicas. A partir do trabalho do Sindicato, José Luiz Gonçalves, seu presidente, espera conscientizá-los.

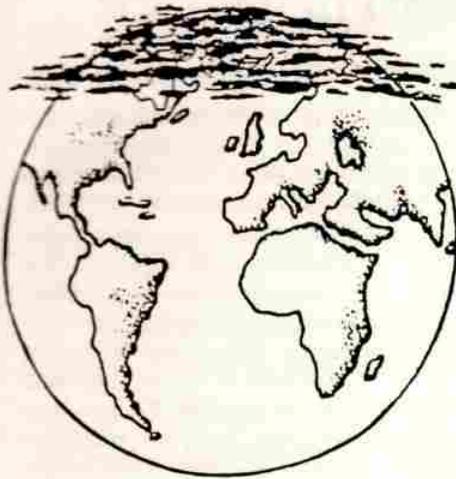
A corrida armamentista afeta a América do Sul de forma direta. O país está perto de dominar toda a tecnologia necessária para produzir bombas atômicas. Segundo alguns físicos, o Brasil hoje detém os meios de fabricá-las. Na Argentina, as pesquisas com energia nuclear encontram-se em estágio adiantado. As exportações brasileiras de armamentos, concentradas em veículos blindados, projéteis e outros equipamentos de média tecnologia, colocam-no entre os dez maiores vendedores de armas, primeiro frente aos países subdesenvolvidos.

Reproduzido da revista
"La Corsa Agli Armamenti"

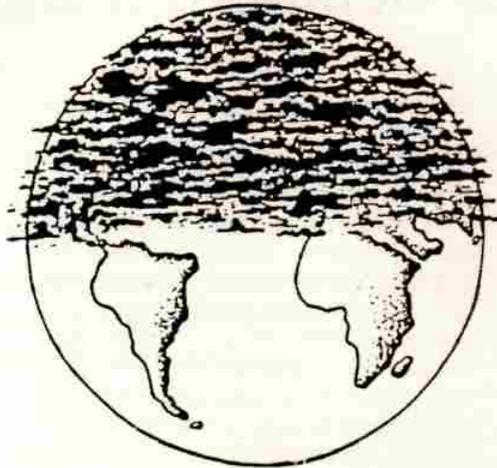


Da clava...

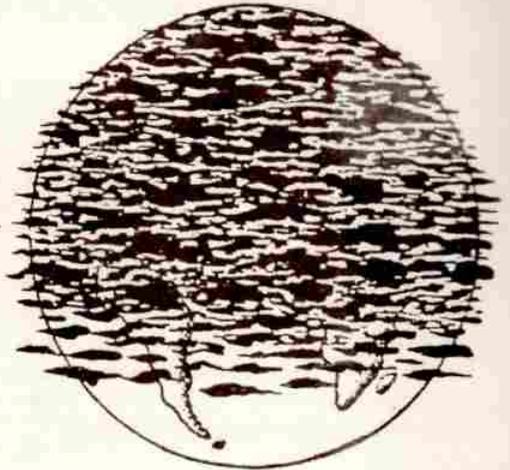
...à clava!



Dois dias depois milhares de nuvens de fumaça, numa extensão de centenas de quilômetros, recobrem o hemisfério Norte a média latitude.



Duas semanas depois o hemisfério Norte é inteiramente coberto por uma nuvem de pó e fuligem.



Um mês depois a nuvem se expande sobre o hemisfério Sul.

Como a guerra nuclear afeta o Brasil?

A União Soviética começa a desativar os primeiros mísseis de curto e médio alcance, em cumprimento ao acordo firmado com os EUA em Washington no final de 1987. Este acordo pode marcar o início do caminho para evitar uma guerra nuclear, apesar do número de mísseis a desativar neste ano e nos dois próximos representar apenas 4% do total mundial. O Instituto Internacional de Estocolmo para a Pesquisa da Paz, sueco, estima em perto de 23.000 o número de armas nucleares em poder da União Soviética e Estados Unidos, somadas.

Para alguns cientistas, o arsenal nuclear atual permite a destruição de cem planetas semelhantes à Terra. Com a destruição dos 429 mísseis norte-americanos e 470 soviéticos, o planeta ainda poderia, em hipótese, sofrer 96 vezes a explosão total. Outros países mantêm armas nucleares, caso da Inglaterra, França, África do Sul, China e Israel, e não participam do acordo de redução de arsenais nucleares.

Enquanto países do Hemisfério Norte, em particular na Europa, demonstram preocupação com as consequências de uma guerra nuclear de proporções mundiais, o Brasil e muitos outros países do Hemisfério Sul relegam a discussão do fim da escalada armamentista a segundo

plano. A própria precariedade das condições de vida nos países não-desenvolvidos leva suas populações a preocupar-se com problemas mais imediatos, como alimentação e habitação. Além disso, as informações sobre a questão nuclear chegam a poucos e com falhas.

Em caso de guerra nuclear de grande proporção, todo o planeta pode receber os efeitos, se não do impacto direto de mísseis e bombas, dos ventos radiativos. As nuvens de pó levantadas pelas explosões, capazes de cobrir o planeta por três meses a um ano, segundo simulações de cientistas de vários países, diminuiriam a temperatura média na Terra a 45 graus centígrados negativos. Outras hipóteses consideram possível o desaparecimento da Terra.

Efeitos letais

A explosão de uma arma atômica libera grande quantidade de poeira na atmosfera, à altura de até dez quilômetros, acompanhada por ondas de choque de alta intensidade, forte liberação de calor e elevada carga de partículas radiativas.

A onda de choque propaga-se em todas as direções, a partir do ponto de explosão, e transporta cerca de 50% da energia total liberada, com pressão de três

toneladas por metro quadrado e velocidade de cerca de 370 m/s, superior à velocidade do som. Em trinta segundos, os efeitos da explosão atingem pontos a onze quilômetros de distância. Ventos fortíssimos acompanham a onda de choque e produzem vácuo na região da explosão. Quando cessam os ventos para fora, o vácuo formado provoca a inversão de seu sentido de sopro, com a destruição de edificações.

O calor liberado, correspondente a 33% da energia total, causa incêndios e queimaduras. Qualquer pessoa próxima ao local de explosão fica calcinada. A 500 metros de distância, a explosão gera intensidade luminosa equivalente a 600 vezes a gerada pelo Sol. A três quilômetros, a intensidade luminosa equivale a 40 vezes a luz solar.

Cerca de 15% da energia da explosão sai na forma de radiação nuclear, parte liberada no momento da explosão, com ação local. O restante, chamado radiação nuclear residual, tem liberação mais lenta e gradual. Levadas pelo vento, as partículas radiativas podem contaminar regiões a centenas de quilômetros do ponto de explosão. A radiatividade provoca queimaduras, diversos tipos de câncer e mutações genéticas com consequências para várias gerações, entre outros efeitos.

DOS SINDICATOS

Metalúrgicos de Osasco realizam seu 9º Ciclo de Debates

O 9º Ciclo de Debates promovido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, de 12 a 14 julho, em Osasco, Taboão da Serra e Cotia, teve 804 participantes, divididos pelas três reuniões. Representantes sindicais, do Ministério Público, da Secretaria do Trabalho e Assembléia Legislativa participaram como conferencistas. O Diesat também compareceu ao evento. Como em suas edições anteriores, o Ciclo de Debates abordou acidentes e doenças provocadas por condições inadequadas de trabalho.

O Departamento de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco publica o boletim **Operário Inteiro**, bimestral, com matérias da área de saúde e segurança do trabalho. Em sua edição nº 36, de junho/julho de 88, o boletim abordou a Aids como doença do trabalho e os números de acidentes de trabalho divulgados pelo IN-PS de Osasco. O 9º Ciclo de Debates e os processos movidos por trabalhadores contra empresas também foram abordados pelo **Operário Inteiro**.



Metalúrgicos de Betim promovem encontro internacional de trabalhadores da Fiat

OS metalúrgicos de Betim enfrentam problemas graves como surdez e leucopenia na Fiat Automóveis S.A., causados por condições inadequadas de trabalho. A pericia iniciada a pedido do Sindicato, em abril deste ano, mostra nível de ruído próximo às prensas variável entre 85 e 105 decibéis, superior ao permitido. A Secretaria de Estado da Justiça, responsável pela pericia, constatou também baixa luminosidade no mesmo local.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de Betim e Igarapé, as condições de trabalho nas fábricas da Fiat na Itália superam em muito as brasileiras. Casos de surdez ou leucopenia, de acordo com o Sindicato, não ocorrem na Fiat italiana. Para o final de outubro o Sindicato prepara o I Encontro de Coordenação Internacional dos Trabalhadores da Fiat, com a presença confirmada de representantes das fábricas Fiat na Itália e Argentina.

O PÓ NOSSO DE CADA DIA

O vídeo "O PÓ NOSSO DE CADA DIA", produzido pelo Diesat, relata os problemas causados pela silicose (doença pulmonar irreversível) em trabalhadores expostos à sílica, material usado na fabricação de cerâmica, tijolos refratários e fibras de vidro.

As fitas estão à venda no Diesat, ao custo de 6 OTNs para filiados e 12 OTNs para não filiados. Os interessados devem ligar para o fone 35.1250 ou escrever para o Diesat, Av. Nove de Julho, 584, 10º andar, CEP 01312, São Paulo, SP.

São Bernardo do Campo debate saúde do trabalhador

A Comissão de Saúde do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema organizou de 21 de julho a 12 de agosto deste ano o Ciclo de Debates "Saúde". Sempre na sede do Sindicato, as quatro séries de debates tiveram bom comparecimento de público. O tema do debate do dia 21 foi "Saúde e Luta de Classes". No dia 29, o debate enfocou a "Política de Saúde no Brasil". Dias 4 e 12 de agosto, os temas debatidos foram "Saúde e Condições de Trabalho" e "Condições de Trabalho e Saúde nos Países Socialistas", com a participação de expositores de Cuba e Moçambique.



Seminário discute leucopenia



Roberto Parizotti

REALIZADO dias 12 e 13 de agosto no Sindicato dos Marceneiros do Estado de São Paulo, o seminário "Leucopenia: morte lenta", teve a participação de 21 sindicatos e cerca de 90 sindicalistas. Primeiro encontro a nível nacional de sindicatos para discutir formas de combate à leucopenia, o seminário resultou em documento com resoluções e propostas de ação. A criação do Fórum intersindical, para encaminhar a luta contra a leucopenia, e a decisão de exigir a proibição total do uso de benzeno estão entre os pontos acertados na reunião. O Fórum surge da constatação pelos sindicatos da necessidade de não confiar apenas a órgãos estatais como a DRT a fiscalização dos ambientes de trabalho.

A leucopenia, caracterizada pela queda na produção de glóbulos brancos (leucócitos, neutrófilos e outros), integrantes do sistema imunológico, diminui a resistência do organismo a infecções e doenças. A leucopenia pode ter diversas origens, com destaque para a exposição ao benzeno e seus derivados, usados como matéria-prima em solventes, colas e plásticos. O seminário priorizou a discussão sobre o benzeno, responsável pela maior quantidade de trabalhadores leucopênicos (afetados por leucopenia) hoje conhecidos.

Trabalhadores do setor químico, petroquímico, metalúrgico e siderúrgico ficam sujeitos à leucopenia, em virtude da grande concentração de benzeno em seu ambiente de trabalho. Sapateiros e marceneiros usam colas à base de benzeno e também correm risco de contaminação. Na construção civil, o alto número de portadores de leucopenia se deve ao emprego de

funcionários de empreiteiras próximo a locais atingidos por substâncias tóxicas e mesmo em trabalhos de manutenção e produção nas fábricas.

A leucopenia não é doença, mas indica anormalidades na medula óssea, produtora de glóbulos brancos e outros componentes vitais do sangue. Os órgãos de Assistência e Previdência Médica em São Paulo e Rio de Janeiro, reconhecem a leucopenia provocada por exposição ao benzeno como sintoma de **benzenismo**, considerado doença de origem ocupacional, com afastamento obrigatório do trabalhador afetado.

Há perto de 3000 trabalhadores afastados por leucopenia em São Paulo, dos quais cerca de 2000 apenas na Cosipa. A fábrica de BHC das indústrias Matarazzo, interdita em 1985, apresentava 35 operários leucopênicos. Na Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda (RJ), existem 150 trabalhadores afastados e mais de mil sob suspeita de contaminação. Em outros estados brasileiros, o INAMPS e o INPS não consideram a leucopenia sinal de benzenismo.

José João Ribeiro, representante do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim (MG), denuncia o alto número de operários contaminados em indústrias da região, sem afastamento, em especial na Fiat Automóveis. De sua participação no seminário, Ribeiro diz levar a Betim novas informações para lutar pelo afastamento dos leucopênicos. Entre os presentes às discussões havia portadores de leucopenia não afastados. Com as resoluções tomadas pelos participantes, os leucopênicos de outros estados ganham novas esperanças de obter o afastamento.

Após a apresentação do seminário, sindicatos da Baixada Santista expuseram sua experiência na luta contra o benzeno. Divididos em grupos, os participantes discutiram a produção e uso do benzeno e seus derivados, a prevenção e controle do trabalho exposto ao risco de contaminação e as tentativas de empresários e médicos descaracterizarem os valores de normalidade hoje adotados para controle dos trabalhadores.

Os aspectos previdenciários e acidentários da leucopenia também entraram em discussão. As tentativas de tornar menores as taxas de leucócitos no sangue indicativas de leucopenia preocupam médicos e trabalhadores. As grandes siderúrgicas estatais, como a Cosipa, lideram as propostas de alteração dos parâmetros de normalidade.

Em alguns casos, o afastamento do ambiente contaminado basta para permitir a estabilização da leucopenia e mesmo a cura do paciente. Em outros trabalhadores, a leucopenia não retrocede e o trabalhador não pode voltar ao local contaminado. Há possibilidade ainda do quadro clínico evoluir até a destruição total da capacidade da medula óssea de produzir componentes vitais do sangue, moléstia conhecida como Anemia Aplástica. Os participantes do seminário justificam a exigência de proibição de uso do benzeno, de seus derivados e de outras substâncias tóxicas por elas apresentarem forte poder cancerígeno capaz de provocar leucemia em trabalhadores expostos, por exemplo.

Na próxima página, as resoluções e propostas do seminário "Leucopenia: morte lenta".

CONCLUSÕES E PROPOSTAS OBTIDAS NO SEMINÁRIO "LEUCOPENIA: MORTE LENTA"

01. Que o DIESAT solicite aos Sindicatos o envio do número de casos de trabalhadores contaminados, para a elaboração de um Boletim de Bancos de Dados, os quais serão encaminhados de forma unitária.

02. Que o movimento sindical subsidie pesquisa a nível nacional através do DIESAT, para estudar a diversidade das causas da leucopenia, além de um estudo em nível de legislação comparada com o objetivo de uma proposta de legislação para os riscos químicos.

03. Que os Sindicatos nucleiem os Acordos Coletivos e as pautas de negociação da área Petrobrás/Siderbrás e Construção Civil no DIESAT.

OS SINDICATOS DEVEM:

01. Criar Fórum Intersindical com a participação de Federações, Confederações e Centrais Sindicais para organizar uma luta unificada pela extensão a nível nacional do padrão adotado pelo INAMPS/INPS em S.Paulo e Rio de Janeiro para centralizar e fazer denúncias (assessorias DIESAT/Fundacentro).

02. Lutar pela proibição do uso e manuseio do benzeno como matéria-prima. Rígido controle do benzeno como sub-produto de processo industrial. Que os Sindicatos pressionem as Centrais Sindicais para que assumam as denúncias e lutas pela saúde.

03. Analisar as repercussões para a saúde do uso do benzeno em conjunto com outros aspectos relacionados às condições de trabalho, como a organização do trabalho e suas repercussões psico-sociais.

04. Manter ou criar equipes técnicas especializadas na área de saúde para assessoramento e orientação.

05. Lutar pela formação de departamento ou comissão de saúde nos Sindicatos, para o controle pelos trabalhadores das condições de trabalho na empresa, particularmente nos setores de maiores riscos.

06. Organizar trabalho de educação e formação de cipeiros, inclusive através de cursos.

07. Instituir comissões de fábrica.

08. Priorizar a luta por medidas de proteção coletiva; monitoramento da área de trabalho; manutenção de equipamento da fábrica e lutar contra os EPI's inadequados aos trabalhadores.

09. Lutar pela não-discriminação entre os trabalhadores de empreiteiras e da empresa contratante. Lutar pela proibição das empreiteiras nos serviços de manutenção e produção.

10. Lutar para incluir nas convenções coletivas o complemento da remuneração do trabalhador afastado; inclusive adicionais, direitos, etc.

SINDICATOS DEVEM EXIGIR DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS:

01. Que o INPS multe as empresas que deixam de emitir a CAT, e que os Sindicatos lutem para garantir nas suas Convenções Coletivas que os Serviços Médicos do INAMPS e dos Sindicatos possam emitir a CAT.

02. Que a fiscalização nos locais de trabalho, inclusive marítimos seja feita pelo Sistema Unificado/Descentralizado de Saúde (SUDS).

03. Que o Estado assuma a assistência médica aos trabalhadores através dos Programas de Saúde do Trabalhador sob controle dos Sindicatos.

04. Que a rede pública tenha condições de cuidar da saúde do trabalhador, e que execute os exames demissionais não retirando a responsabilidade da empresa.

05. Que o IAPAS emita Portaria reconhecendo a leucopenia ocupacional como sinal de doença profissional para fins de benefício.

06. Que as circulares sobre a leucopenia existentes em São Paulo e Rio de Janeiro se transformem em Portaria Ministerial.

07. Que o Ministério da Saúde mantenha registro dos produtos químicos nocivos à saúde;

Que os Ministérios da Indústria e Comércio e Minas e Energia estabeleçam diretrizes para os setores siderúrgicos e petroquímicos.

08. Que o alcatrão e qualquer outro produto cancerígeno seja tratado como resíduo de alto risco, pelos órgãos de fiscalização do MTB e Ministério da Saúde.

09. Que haja direito de recusa ao trabalho em situação de risco para o trabalhador, com respaldo da SESMT e fiscalização do MTB.

SINDICATO E SOCIEDADE:

01. Que os trabalhadores exijam (articulem) dos parlamentares de vários níveis a participação ativa na formulação de leis para a proteção do trabalhador e denúncia dos crimes que os empresários e Estado cometem contra os trabalhadores. Que sejam criadas comissões especiais sobre leucopenia na Câmara dos Vereadores, Assembléia Legislativa e Congresso nacional.

02. Articulação com a população em geral para pressionar os órgãos responsáveis pelo meio ambiente, e comissões de defesa ao consumidor, para efetiva fiscalização do meio ambiente e dos produtos com benzeno (cumprimento da lei do 1%).

03. Denunciar aos CRM's e CREA's os casos de falta de ética de médicos e engenheiros.

04. Punição civil e criminal às empresas por danos causados devido à exposição a riscos.

05. Criação de Centros de Referência públicos para o diagnóstico e acompanhamento das doenças do trabalho.

06. Que as jornadas de trabalho sejam reduzidas nos ambientes de risco.

07. Denunciar medidas econômicas de controle do déficit público responsáveis pelo não investimento na prevenção e na modificação do processo de produção.

São Paulo, Agosto/88.

Componentes do Fórum Intersindical de Luta contra a Leucopenia:

● Sindicato Químicos ABC	Remí	● Sindicato Metalurg. Ouro Branco	Edson	● Sindipetro MG	Maia
● Sindicato Metalurg. Santos	Uriel	● Sindicato Petroq. D. Caxias	Cosme	● Sindicato Metalurg. J. Monlevade	Luiz Patrocínio
● Sindicato Portuários Santos	Valdir	● Sindicato Metalurg. V. Redonda	José Carlos	● Sindicato Quím. Eng ^o . Químicos RJ	Cantarelli Rivadal
● Sindicato Químicos Santos	Davi	● Sindicato Const. Civil Santos	José Amaral	● Sindipetro Paraná	
				● Sindicato Metalurg. Betim	Paulo dos Santos

Cabeça de brasileiro

F. é forneiro na Ferro Enamel desde 1978. Ao longo de dez anos de trabalho, F. só conseguiu da empresa surdez total em um ouvido e parcial no outro, uma das pernas 1 cm mais curta que a outra, dificuldade para respirar e dois afastamentos devidos a contaminação por chumbo. Em sua função, F. trabalha em contato constante com o chumbo, respira vapores tóxicos e fica exposto a nível de ruído elevado.

Segundo F., o problema na Ferro já foi bem pior. Antes da greve de 1984, em protesto contra as condições insalubres de trabalho, a empresa não afastava os trabalhadores contaminados por chumbo nem lhes entregava resultados de exames. Apesar da situação dos empregados ter melhorado dentro da fábrica, conseguir emprego em outra indústria ficou mais difícil. "Quem trabalha na Ferro Enamel há mais tempo não consegue emprego em lugar nenhum".

Com a máscara de proteção, F. sente-se sufocado. Com os abafadores para o ouvido, nada ouve. "Quem trabalha com 2.800 graus não aguenta usar máscara", justifica F. para não usar os equipamentos de proteção individual. "Eles querem jogar a culpa toda em cima do pião", diz F., em oposição à versão da fábrica de culpa dos próprios operários pela contaminação. Para não se expor ao chumbo o trabalhador "só tem condição de fechar a boca, nariz e todos os buracos de respiração", completa F..

"Quando estava doente do ouvido, saía de casa às cinco e voltava à noite. Ia ao Sesi da Vila Leopoldina, o médico man-

dava para o Brás, para a Celso Garcia e o Tatuapé, e de lá de volta para Santo André. Disseram que estava surdo. Uma perna está mais curta um centímetro, e os médicos disseram que a fábrica precisava fazer um sapato especial para o trabalho. Demorou quase dois anos, depois do trabalho do sindicato junto à fábrica, para fazerem o sapato. Esse primeiro já foi (gastou), e o segundo par, depois de dois meses, não chegou", desabafa F..

Das contaminações por chumbo, F. lembra ficar cansado, com dor nas pernas, ver as coisas rodarem, confundir as distâncias, ficar meio bravo sozinho. "O cara que não sabe, pensa que o chumbo é brincadeira. Tem dia que não como, tem dia que não durmo. Tem dia que não como e sinto o dia inteiro a barriga cheia", completa F..

Com todos os problemas derivados das más condições de trabalho existentes na Ferro Enamel antes da greve de 1984, e em parte ainda hoje, F. tem poucas perspectivas para seu futuro: "Só tou esperando aposentar ou morrer".

O depoimento de F. integra o livro "Insalubridade: a morte lenta", a ser editado em breve pelo Diesat, com as conclusões da VIII Semana de Saúde do Trabalhador, realizada em outubro de 1987. O livro narra também a luta de sindicatos contra as condições de trabalho perigosas e insalubres. O nome do operário está mudado para evitar represálias. Caso você conheça histórias de trabalhadores afetados por doenças ou acidentes durante o trabalho, entre em contato com o Diesat.

ESTANTE

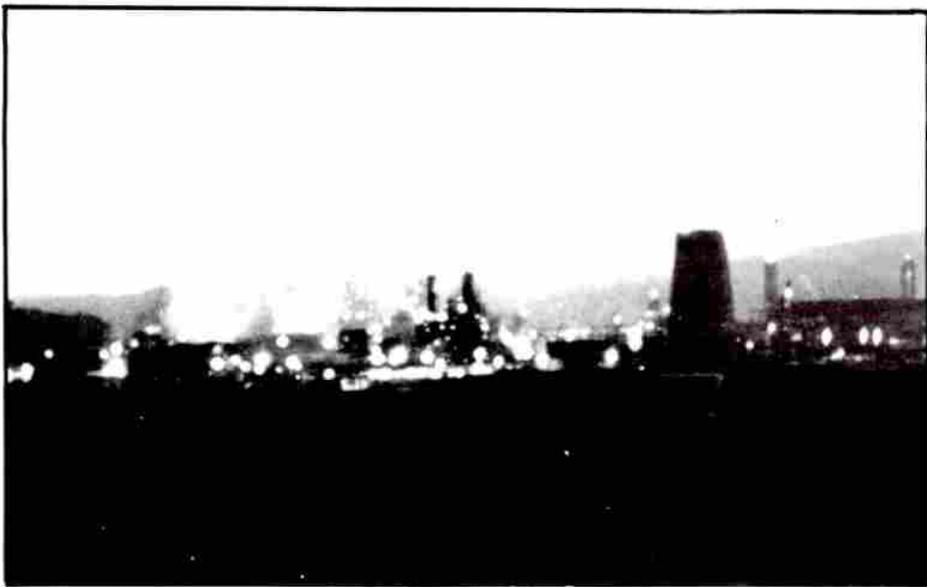


CABEÇA DE TURCO, livro de Günter Wallraff, revela a discriminação e o descaso em relação a imigrantes de um país considerado dos mais democráticos. Para o trabalhador brasileiro, acima do preconceito descrito, merece destaque a exploração econômica e a negligência em relação à saúde dos trabalhadores menos qualificados, mesmo alemães. O livro denuncia pequenas e grandes empreiteiras, produtores rurais e industriais, todas em busca de lucro às custas da saúde de seus empregados.

Práticas ilegais, como o uso de operários de empreiteiras em tarefas próprias da produção, parecem dominar o cenário das relações trabalhistas alemãs, em situação semelhante à encontrada no Brasil. O descumprimento de garantias trabalhistas e direitos adquiridos em anos de lutas surge como possibilidade frente às reservas de mão-de-obra e deficiências sindicais. Um dos capítulos do livro mostra os artifícios usados pela Thyssen, gigante do setor siderúrgico, para substituir trabalhadores contratados pelos de empreiteiras para trabalhar em locais insalubres ou perigosos, prática também adotada por grandes siderúrgicas brasileiras, como a Cosipa e a CSN.

Caracterizado como imigrante turco, Wallraff viveu por dois anos junto com outros imigrantes, aceitou as mesmas ocupações que eles e sofreu as mesmas injustiças. Se no Brasil o preconceito racial não afeta tanto os trabalhadores quanto na Alemanha, nosso padrão de vida inferior coloca outros obstáculos, como a falta de moradia e péssimo sistema de transporte. Empregado nas piores funções e com os salários mais baixos em toda a escala laboral alemã. Ali Sinirlioglu (nome adotado por Wallraff em seu disfarce) consegue morar em um porão alugado e manter seu velho carro.

O excesso de pesos carregados, a poeira formada durante o uso de ar comprimido para limpeza, o cheiro insuportável de gás, o ruído ensurdecedor das máquinas e o calor nas linhas de produção fazem parte da vida de Ali, de modo semelhante aos operários brasileiros. "Cabeça de Turco" não aponta soluções para os problemas encontrados. Apenas os traz à tona para reflexão e denúncia.



Empresas discriminam portadores de Aids

EMPRESAS situadas no estado de São Paulo já demitiram, até o final de julho, de acordo com cálculos do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids - Gapa - mais de 40 trabalhadores portadores do vírus da Aids. A demissão de aidéticos ou soro-positivos (pessoas portadoras do vírus sem ainda apresentar seus sintomas) motivou sindicatos a procurar as entidades empresariais para negociar proteção ao trabalhador afetado pela doença.

O Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas procurou a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo após a demissão de um funcionário da Bendix do Brasil S.A., empresa norte-americana do setor de autopeças, cujo exame hematológico indicou a contaminação pelo vírus da Aids. Segundo representantes da empresa, esta desconhecia a contaminação do operário demitido, e o teria dispensado por

"baixa produtividade". Para o sindicato, a Bendix conhecia o estado do demitido.

A partir do 1º Seminário Sindical "Aids no Trabalho", o Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas espera ver deflagrada ação conjunta das entidades sindicais para combate às dispensas e outros problemas enfrentados por operários portadores do vírus da Aids. Realizado dia 26 de Agosto na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas, o seminário abrangeu a responsabilidade das empresas e Estado frente à Aids, a ação sindical em relação à doença e o novo desafio a ser enfrentado pelos sindicatos diante dos casos de trabalhadores portadores da doença pela doença, ameaçados de discriminação no trabalho e até de demissão.

Há projetos à espera de parecer presidencial destinados a tornar a Aids doença classificada como incurável pela

legislação, para permitir ao trabalhador afetado receber auxílio-doença, tratamento de saúde e aposentadoria, pensão especial ou reforma, conforme o regime de trabalho. Aprovado pelo Congresso, o projeto destina aos dependentes do portador da doença pensão em causa de morte, sem necessidade de tempo de carência.

Segundo o Gapa, médicos de empresas quebram o sigilo da profissão ao revelar à direção casos de trabalhadores portadores do vírus. O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo e o Conselho Federal de Medicina divulgaram pareceres contrários à revelação dos resultados de exames, mesmo a parentes próximos do doente. As violações dos direitos de aidéticos e portadores ocorrem a cada dia, na opinião do Gapa, e só não chegam a público pelo medo das pessoas envolvidas de ter seus nomes divulgados.

Vazamento de ascarel deixa Rio sem água

OS 150 litros de óleo Ascarel, tóxico e cancerígeno, liberados pela Fundação Thyssen durante incêndio em um de seus fornos, dia 04 de agosto, provocaram a interrupção do abastecimento de água em várias cidades do Rio de Janeiro e na própria capital do estado. A direção da Thyssen ordenou a liberação do ascarel, misturado à água usada para debelar o fogo, por medo do óleo ser inflamável. Benno Mang, diretor-presidente da Thyssen, disse desconhecer a resistência do ascarel ao fogo, embora o óleo seja empregado como lubrificante em condensadores e transformadores elétricos por sua resistência ao fogo e a correntes elétricas.

Depois de vaziar para o rio Guandu, o ascarel desembocou no rio Paraíba do Sul, usado para abastecimento de

água do Rio de Janeiro. Segundo João Batista Machado Leônico, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Barra do Piraí, os quinze operários encarregados de apagar o incêndio ficaram expostos ao ascarel, sem máscaras, luvas e outros protetores.

Após o acidente, a Fundação Estadual de Engenharia do Meio-Ambiente - Feema - iniciou o levantamento de empresas consumidoras de ascarel. O ascarel não pode ser produzido no Brasil devido a proibição por Lei Federal de 1981, mas sua utilização não sofre restrições. A Eletropaulo, o Metrô, Furnas e Petrobrás estão entre as empresas com maior utilização de ascarel. Em julho deste ano, o governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, vetou projeto de lei que proibiria o uso de ascarel.

Fontes radiativas terão novo cadastro

O Ministério da Saúde e o Conselho Nacional de Energia Nuclear elaboram cadastro de todas as fontes radiativas usadas para fins médicos e industriais no Brasil. Através do Sistema Nacional de Registro de Equipamentos e de Fontes Radiativas, o CNEN, as secretarias estaduais de Saúde e as Delegacias Regionais do Trabalho devem fiscalizar em conjunto todas as instalações nucleares de uso civil.

O cadastro chega com quase dez meses de atraso em relação ao acidente de Goiânia, responsável por quatro mortes e 104 pessoas contaminadas em diversos graus de gravidade. Os órgãos governamentais iniciaram o cadastramento após o acidente com a bomba de Césio-137 (usada em tratamento

médico) abandonada nas instalações desativadas de uma clínica de Goiânia e desmontada pelo dono de um ferrovelho. Durante os levantamentos para o cadastro, as equipes designadas em Rondônia localizaram aparelho para Raio-X em uma clínica radiológica de Ji-Paraná usado sem qualquer isolamento.

O CNEN estuda também a instalação de aparelhos para medição da atividade radiativa em todas as instalações nucleares industriais e da área médica. Os aparelhos, ligados à Central de Informações Nucleares do Rio de Janeiro, permitiriam monitorar alterações bruscas do nível de radiatividade nas fontes, causadas, por exemplo, pelo fruto de componentes, e avisar as equipes de fiscalização próximas à fonte alterada.

Cópias rápidas, problemas a longo prazo

ESTUDO realizado pelo Diesat-RJ, em assessoria à Associação de Empregados da Eletrobrás na Comissão Paritária de Condições dos Ambientes de Trabalho, aponta a possibilidade de contaminação por negro-de-fumo e nitropireno e exposição a radiação ultra-violeta em operadores de máquinas fotocopiadoras (conhecidas por xerox). Por sua praticidade, baixo custo (podem ser alugadas) e rapidez, as fotocopiadoras hoje encontram uso em lojas, faculdades, escritórios e sindicatos.

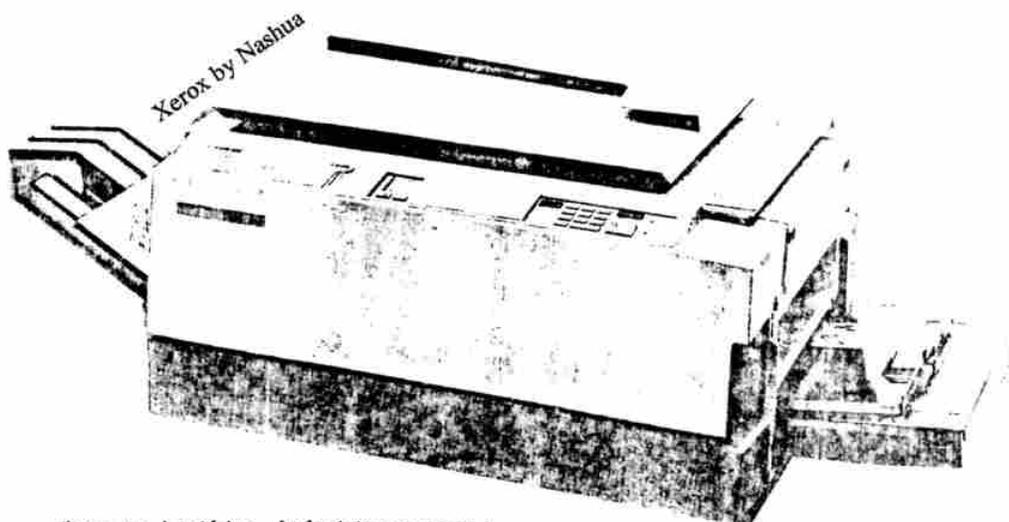
Com a difusão de seu uso, as máquinas fotocopiadoras ampliaram o número de trabalhadores expostos a riscos químicos e físicos e a intenso ritmo de trabalho. No processo de reprodução de imagens, é aplicada uma carga eletrostática a uma camada fotocondutora, geralmente de selênio com baixa liga de arsênico (camadas externas do cilindro). A luz é refletida do original para a placa carregada eletricamente. A placa fica carregada apenas nas áreas correspondentes à parte impressa do original. A imagem é transferida para o papel aquecido. O calor faz com que as partículas de toner adiram permanentemente ao papel, formando a cópia. Isto gera uma série de riscos para a saúde.

RISCOS FÍSICOS E QUÍMICOS

As lâmpadas das fotocopiadoras produzem luz visível e radiação **ultravioleta** de grande intensidade, que podem provocar lesões graves na pele e nos olhos. O formato do texto a ser copiado ou o ritmo de trabalho imposto aos operadores de xerox os faz trabalhar às vezes sem a tampa protetora da máquina, expostos aos efeitos das radiações.

Os principais riscos químicos são devidos ao "toner", aos vapores e poeiras emitidos pela máquina, ao manuseio do papel copiado e à formação de ozônio no ambiente. O toner contém negro-de-fumo, polímeros e corantes orgânicos. A manipulação de produtos contendo negro-de-fumo, de acordo com a NR-15, anexo 13 da portaria 3.214 é atividade insalubre em grau máximo. A exposição ao negro-de-fumo pode causar tosse e formação de catarro. A exposição prolongada ao negro-de-fumo pode provocar lesão pulmonar e redução da capacidade respiratória. O processo é lento e se desenvolve no decorrer de muitos anos.

Em 1980, nos Estados Unidos, testando-se amostras de toner e de fotocópias, verificou-se existir uma impureza — o nitropireno — que causava mutações gené-



ticas em bactérias. Após intensa campanha dos sindicatos e da opinião pública americana, a Xerox americana modificou o processo de produção do toner para reduzir o teor de nitropireno de 10–15 ppm para menos de 1 ppm. A pressão criada não foi suficiente, entretanto, para que fosse recolhido do mercado o toner com alto teor da substância mutagênica. Temos fortes motivos para acreditar que o processo de purificação do toner não haja sido introduzido no Brasil.

O negro-de-fumo pode conter outra impureza, o benzo(a)pireno, agente cancerígeno nos animais e muito provavelmente no homem. O manual de segurança da Xerox americana diz que o nível de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos (o benzo(a)pireno, no caso) é rigidamente controlado e muito baixo. Todas as legislações e normas internacionais consideram não haver nível de exposição seguro para as substâncias carcinogênicas, de forma que todo e qualquer contato deve ser reduzido ao mínimo.

Em algumas empresas, o contato dos operadores de Xerox com o toner é bastante intenso, uma vez que eles mesmos fazem a limpeza das máquinas, e isto pode ocorrer até mesmo mais de uma vez por dia, dependendo da produção diária e da qualidade exigida.

A exposição ao toner se dá também através do manuseio de cópias recém-tiradas e da poeira emitida pela máquina, especialmente em locais pequenos e mal ventilados. Além da poeira do toner, são emitidas partículas de todas as substâncias potencialmente tóxicas.

O efeito **corona dos corotrons** e a emissão ultravioleta da lâmpada provocam a ionização do oxigênio do ar e transfor-

mam parte deste em ozônio. O ozônio apresenta um odor característico, um cheiro de "eletricidade". Ao se perceber este cheiro, possivelmente o ozônio está acima do limite admissível. Baixas concentrações de ozônio causam irritação dos olhos, nariz e garganta. Concentrações mais elevadas podem provocar tosse, sufocamento, fadiga, dor ou sensação de pressão no peito e, eventualmente, doenças pulmonares. A exposição é particularmente perigosa para pessoas portadoras de doenças cardíacas ou pulmonares.

RITMO DE TRABALHO

O intenso ritmo de trabalho em algumas centrais de cópias e o próprio projeto das máquinas copiadoras obriga o trabalhador a permanecer de pé, parado, durante longas horas, o que, a médio-longo prazo, pode provocar problemas circulatórios. Alguns operadores de máquinas grandes, com tampas protetoras pesadas, submetidos a intenso ritmo de trabalho, queixam-se de fortes dores nos braços e ombros.

Como resultado da negociação havida na Comissão Paritária, a empresa substituiu os revestimentos dos pisos e das paredes, evitando assim a permanência de poeira, retirou os produtos inflamáveis do local e está prevista a instalação de um sistema de exaustão. Os operadores que realizam também serviços de conservação das máquinas passaram a perceber adicional de insalubridade em grau máximo. A empresa está atualmente em vias de instalar máquinas de novo modelo, nas quais o processo do toner fica enclausurado, e reduz, assim, o risco de contaminação.

Fibras minerais e de vidro causam câncer de pulmão em trabalhadores

AS fibras minerais e as fibras de vidro podem causar câncer no pulmão e outros efeitos semelhantes aos do asbesto, segundo três diferentes estudos, apresentados por pesquisadores europeus e norte-americanos no encontro da Organização Mundial da Saúde na Dinamarca, em outubro de 1986*. Grupos de trabalhadores expostos a lã de vidro, fibras cerâmica e fibras de vidro há mais de trinta anos atrás têm maior índice de ocorrência de câncer no pulmão que a média da população, conforme apuraram os cientistas. Frise-se que as fibras de vidro são vendidas como um substituto "seguro" para o asbesto (amianto).

Há poucos dados disponíveis a respeito dos níveis de contaminação por fibras nos ambientes de trabalho, mas a preocupação recai sobre as pequenas fibras com o mesmo diâmetro e formato das fibras de asbesto. As poeiras respiráveis destas fibras também causam apreensão. O pó resultante do trabalho com fibra de vidro irrita os olhos, garganta, nariz e provoca problemas respiratórios, tosse e chiado, podendo piorar os sintomas de quem sofre de asma e bronquite. O contato da fibra com a pele causa irritação e coceiras.

As atuais normas e limites da legislação americana relativos à exposição a fibras minerais não oferecem adequada proteção, pois datam de 1977, antes das informações sobre o câncer de pulmão resultante de sua aspiração, relatadas no encontro da OMS. O Departamento de Saúde e Segurança do Sindicato dos Trabalhadores em implementos Automobilísticos, Aeroespaciais e Agrícolas recomenda a adoção de limites à presença de poeiras nos ambientes de trabalho semelhantes aos prescritos para o asbesto — 200.000 fibras por metro cúbico, ou 0,2 fibra/cm³ (no Brasil este limite é de 4 fibras/cm³, ou seja, 20 vezes o limite americano).

Poeira de fibras minerais flutuando, roupas sujas de fibras no final do expediente e poeira acumulada perto dos locais de trabalho podem indicar exposição do trabalhador. Irritações na pele e distúrbios respiratórios são outros indicadores da possibilidade de exposição, ampliada em atividades como corte, furação e lixamento. Sistemas mecânicos de coleta, com ventilação exaustora, colocados próximos aos locais de liberação das fibras, representam o meio mais eficaz de proteção ao trabalhador. Amostras periódicas do ar respirado com a medição do teor de fibras devem servir para avaliar as tarefas que

levam a maior exposição e podem permitir aos Sindicatos negociar medidas de engenharia de controle.

Para a limpeza das poeiras recomenda-se o uso de aspiradores com filtros de alta eficiência ou outros métodos de limpeza a seco, nunca jatos de ar comprimido e varredura, por causarem maior dispersão do pó. As áreas de trabalho e superfícies próximas devem estar sempre livres de sobras, aparas e poeiras. Outra recomendação importante é manter equipamentos de disposição de lixo perto dos locais de trabalho.

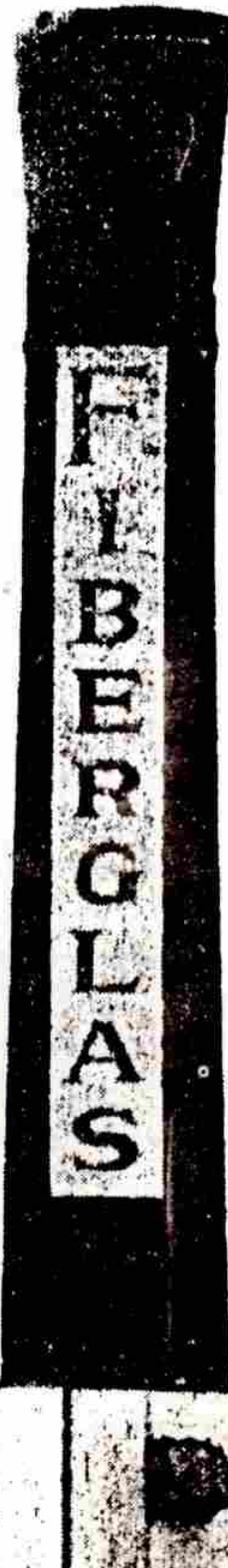
O risco do câncer surgir em decorrência do uso de fibras minerais veta qualquer nível de exposição às mesmas. Em algumas atividades, além das medidas preventivas coletivas, os trabalhadores devem receber máscaras com uso de ar comprimido ou no mínimo uma com filtro de cartuchos de alta eficiência. Máscaras descartáveis não garantem proteção adequada e não devem ser usadas. As empresas precisam manter acompanhamento periódico dos níveis da poeira nos ambientes de trabalho e reduzi-los ao máximo. Para diagnóstico precoce, os trabalhadores do setor devem passar por exames periódicos, mas estes exames, que incluem RX de pulmão, não substituem o controle ambiental.

Os trabalhadores podem evitar ou reduzir as irritações na pele e olhos protegendo-os contra o contato direto por meio de roupas e óculos.

Guardadas em armários separados para evitar contaminação da roupa comum, tais vestimentas devem ser lavadas regularmente pela empresa. Lavagens frequentes da pele exposta a fibras, com água quente e sabão, e banho ao fim da jornada de trabalho completam o leque de medidas de prevenção.

No Brasil ainda não há pesquisas sobre os efeitos das fibras minerais e seu potencial cancerígeno. Enquanto nos Estados Unidos grandes empresas do setor já reconhecem o risco de câncer inerente ao trabalho com fibras minerais, protegendo-se contra futuras ações de indenização como ocorreu com o asbesto (amianto), suas filiais no Brasil relutam em admitir a possibilidade de seus empregados contraírem até mesmo silicose, como vem ocorrendo no caso da FIBERGLASS de Rio Claro, no Estado de São Paulo.

*Dados extraídos do boletim Health & Safety, nº2 de 87, editado pela UAW.



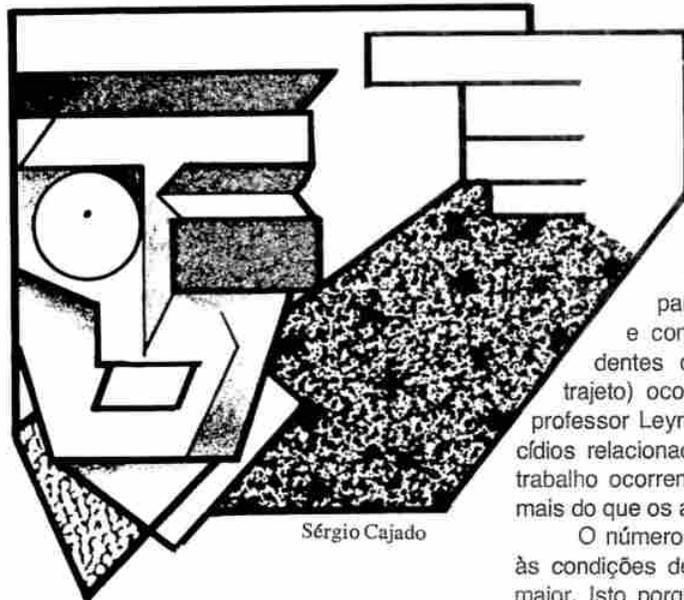
FIBERGLASS

Trabalho pode levar ao suicídio

EXISTEM condições de trabalho que violentam mentalmente o trabalhador, a ponto de levá-lo ao suicídio. Esta tese é defendida pelo professor Heinz Leymann, do Instituto Nacional de Saúde Ocupacional em Estocolmo (National Institute of Occupational Health in Stockholm) na Suécia, em seu artigo "Suicide", publicado na revista **Working Environment in Sweden** - 1988, pags. 14 e 15.

Para Leymann, o suicídio pode se dever a causas bastante variadas e nem sempre únicas. No entanto, afirma existirem suicídios cuja única causa é a condição de trabalho.

Os elementos usados para chegar àquela conclusão foram obtidos através de pesquisas realizadas durante o ano de 1987. Ela procurou levantar dados que indicassem o número de pessoas que preferem morrer a viver sob a opressão psico-social no trabalho. Era preciso, para tanto, encontrar pessoas que mais mantêm contato com suicidas e, portanto, familiarizadas com as causas dos suicídios. Este raciocínio levou Leymann a escolher os padres como fonte destas informações. Durante sua atividade pastoral, os padres são procurados por pessoas que enfrentam problemas variados e muito provavelmente conhecem as causas de suicídio.



Sérgio Cajado

Foi enviado questionário para os padres da Diocese de Estocolmo para que fornecessem os números de suicídios praticados durante o ano de 1986 e suas causas, ligadas ou não ao trabalho.

Do Total de 360 questionários enviados, 189 responderam.

A tabela abaixo mostra os resultados da pesquisa, onde pelo menos 86 (45,5%) dos 189 casos relatados de suicídio estão relacionados à condição de trabalho.

Tabela I – Número e causas de suicídios fornecidos pelo clero da Diocese de Estocolmo – Dados referentes a 1986.

Causa de Suicídio (conhecida ou suspeita)	nº de suicídios
Condição de trabalho é a única causa conhecida pelo clero	18
Clero suspeita que a condição de trabalho seja a única causa	09
Condição de trabalho é reconhecida pelo clero como causa contributiva	24
Clero acredita que muito provavelmente a condição de trabalho é a causa contributiva	35
Clero acredita que havia envolvimento de outras causas (exemplo: jovens, idosos, viciados em álcool e drogas, etc...)	103
Total:	189

Fonte: Extraído do artigo "Suicide" in: **Working Environment in Sweden** - 1988, pp. 14 e 15.

Calculando estes dados para a Suécia como um todo e comparando-os com os acidentes de trabalho (típicos e de trajeto) ocorridos no ano de 1987, o professor Leymann constata que os suicídios relacionados com as condições de trabalho ocorrem pelo menos duas vezes mais do que os acidentes de trabalho.

O número de suicídios relacionados às condições de trabalho pode ser ainda maior. Isto porque pode haver, dentre os suicídios pelo vício em álcool e drogas, aqueles onde as condições de trabalho levaram o trabalhador a aderir a estas práticas.

Embora seja difícil transportar a realidade de trabalho observada na Suécia para o Brasil, principalmente com relação ao número de acidentes de trabalho, a conclusão desta pesquisa sobre o suicídio de trabalhadores nos leva a refletir sobre a violência das condições de trabalho sob o aspecto do desgaste da saúde mental.

O desgaste da saúde mental relacionado com as condições de trabalho não se manifesta apenas sob a forma de doenças mentais, psicossomáticas e pelo suicídio. Ele pode se expressar sob a forma de insatisfação, cansaço, constante desânimo, falta de motivação para realizar determinados tipos de trabalho, dentre outras. Além disso, nem sempre é possível eleger elementos isolados das condições de trabalho que provocam tal desgaste, dado que a interação destes elementos é que se configura como prejudicial à saúde.

Por outro lado, a situação de desemprego, na qual muitos trabalhadores são forçosamente colocados, também desempenha papel fundamental no processo de desgaste psíquico.

O artigo "Suicide" fornece informações importantes para a discussão ao trazer o tema do suicídio para o âmbito das condições de trabalho e faz pensar sobre a importância do problema da saúde mental do trabalhador.